

“Quem chora por ti, Amazônia?”: a representação discursiva de Marina Silva no jornal Gazeta do Povo¹

Antony Scariot Passareli²
Evellyn Nicolay de Campos Sousa³
Kalliandra Quevedo Conrad⁴

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre como o jornalismo opinativo, por meio de estratégias discursivas, contribui para a construção de sentidos que deslegitimam figuras públicas. Com base nos pressupostos teóricos de Patrick Charaudeau (2009, 2015), especialmente os conceitos de identidade social, identidade discursiva e efeitos de verdade, analisa-se um artigo de opinião publicado pela Gazeta do Povo sobre a atuação da ministra Marina Silva na Comissão de Infraestrutura do Senado, em maio de 2025. Observa-se que a representação discursiva da ministra se apoia em estratégias de captação por meio da sedução e produção de efeitos de verdade, que transformam o embate político em espetáculo e esvaziam o debate.

Palavra-chave: identidade discursiva; efeitos de verdade; deslegitimação; violência simbólica; Marina Silva.

Introdução

Em sociedades marcadas por disputas simbólicas, a mídia ocupa um lugar privilegiado na produção de sentidos sobre o mundo social. Mais do que informar, o discurso midiático opera como um modo de conhecimento, moldando a forma como os sujeitos percebem acontecimentos, instituições e personagens públicos (Charaudeau, 2015). Como assinala Patrick Charaudeau (2015), a mídia não se limita a espelhar a realidade, mas produz um discurso sobre ela. A dramatização dos fatos, o uso de estereótipos e a ativação de emoções fazem parte de um jogo comunicacional que dá forma ao que ele chama de “efeitos de verdade”, além de considerar a mídia como “espelhos deformantes da realidade”. A mídia não apenas reflete a sociedade, mas é também produto dela. Longe de espelhar uma “realidade objetiva”, ela a reconstrói

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: passareli@alunos.utfpr.edu.br

³ Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: esousa@alunos.utfpr.edu.br

⁴ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: kconrad@professores.utfpr.edu.br

discursivamente, manipulando-a e sendo manipulada por seus próprios contratos de comunicação. O que chega ao público, portanto, não é a realidade em si, mas uma versão construída e espetacularizada do espaço público. Mesmo sob aparência de neutralidade, os meios de comunicação operam escolhas, interpretações e enquadramentos orientados por interesses. Se forem espelhos, são “espelhos deformantes”, que distorcem, enfatizam ou ocultam elementos conforme seus objetivos comunicacionais (Charaudeau, 2015, p. 18–20).

Nesse contexto, o jornalismo de opinião assume um papel particularmente relevante ao deixar mais visíveis os mecanismos de construção discursiva. Suas escolhas linguísticas, os enquadramentos e a disposição dos argumentos revelam não apenas uma perspectiva sobre os fatos, mas uma tentativa de produzir sentido sobre os sujeitos envolvidos. É nesse cruzamento entre linguagem e poder simbólico que se insere a presente análise, voltada à representação discursiva da ministra Marina Silva em um artigo de opinião publicado pela Gazeta do Povo.

O texto intitulado “Quem chora por ti, Amazônia? Certamente não Marina Silva”, de Osiris M. Araújo da Silva, comenta o episódio ocorrido na Comissão de Infraestrutura do Senado, em maio de 2025, quando a ministra foi convocada para discutir questões ambientais, em meio à aprovação de um projeto de lei que flexibiliza o licenciamento ambiental.⁵ Mais do que uma crítica técnica, o artigo constrói discursivamente uma imagem negativa da ministra, atribuindo-lhe traços de intransigência, isolamento político e insensibilidade social. Ao mesmo tempo, desconsidera os contextos institucionais do debate e silencia os ataques sofridos por Marina Silva durante a sessão, inclusive com marcações de gênero.

Dessa forma, este trabalho propõe uma análise do discurso opinativo publicado pela Gazeta do Povo, com o objetivo de compreender de que modo o texto constrói sentidos sobre a ministra. A escolha do veículo paranaense se justifica por sua relevância no cenário jornalístico brasileiro⁶, o que torna pertinente a investigação de suas construções discursivas sobre figuras públicas. Para isso, serão mobilizadas categorias propostas por Charaudeau (2009, 2015) — como identidade discursiva, contrato de comunicação e estratégias de dramatização —, articuladas à reflexão sobre o

⁵O Projeto de Lei em debate permite o autolicensing por parte de empresas para obras de pequeno e médio porte, além de dispensar a exigência de licença ambiental para determinadas atividades agropecuárias.

⁶Em 2022, o jornal Gazeta do Povo atingiu a marca de cem mil assinantes digitais, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ)

papel representacional da mídia na construção de imaginários sociais, especialmente no que tange às mulheres em posições de poder.

Discurso e efeitos de verdade

Segundo Charaudeau (2015), o discurso midiático é uma forma particular de linguagem que atua sobre o real não para apenas reproduzi-lo, mas para apresentá-lo sob determinadas perspectivas, conforme suas finalidades comunicacionais. A representação discursiva, nesse contexto, deixa de ser um reflexo e passa a ser uma construção simbólica que visa à adesão de um público, operando dentro de um contrato de comunicação específico que articula credibilidade e captação.

Toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria tal maneira de tratar a informação, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva (Charaudeau, 2015, p. 38).

Essa lógica de seleção não é neutra: ela visa produzir efeitos de sentido e moldar a recepção. Para Charaudeau (2015), o discurso das mídias se orienta por estratégias discursivas que dramatizam os fatos, utilizam estereótipos e constroem narrativas com forte apelo emocional, produzindo o que o autor chama de efeito de verdade — uma aparência de veracidade que dispensa comprovação factual. Esse efeito emerge de um sistema de significações compartilhadas culturalmente, que permite à linguagem mobilizar crenças, valores e emoções. Assim, o que se apresenta como notícia ou opinião no espaço midiático muitas vezes opera como um sistema de convencimento simbólico.

Essa construção do discurso se ancora na ideia de que toda linguagem é composta por pensamentos e palavras do Outro. Desde o nascimento, o sujeito se apropria do discurso alheio — repetindo, recriando ou reelaborando o que foi dito antes de si (Charaudeau, 2009). A mídia, nesse sentido, também se insere nesse processo de reapresentação do mundo a partir de vozes e representações discursivas herdadas (Charaudeau, 2015).

É nessa dimensão representacional que se insere o conceito de identidade discursiva. Cada sujeito em situação de comunicação ocupa um lugar social (identidade social), mas também projeta uma imagem de si, construída pela linguagem (identidade discursiva), que será validada ou recusada pelos interlocutores. No espaço midiático, essas identidades são frequentemente manipuladas, condensadas ou invertidas de acordo com os efeitos que se pretende alcançar junto ao público. Aplicando conceitos de Charaudeau (2009), Marina Silva, enquanto ministra do Meio Ambiente, carrega uma identidade social marcada por sua trajetória política, seu pertencimento regional e seu posicionamento ideológico. Contudo, no artigo de opinião analisado, essa identidade é deslocada e ressignificada: ela passa a representar, simbolicamente, uma inimiga da Amazônia, uma figura distante do povo.

Essa operação discursiva se dá por meio de procedimentos que simplificam a complexidade dos sujeitos e dos eventos. O discurso de opinião, ao contrário da notícia factual, goza de maior liberdade para recorrer à dramatização, à metáfora e à caricatura. Isso permite uma construção narrativa que transforma o embate político em espetáculo, e o agente público em personagem de uma fábula moral. O resultado é a moralização da política e a personalização do conflito, em que a ministra é julgada não por suas ações institucionais, mas por uma performance discursiva interpretada e ressignificada por terceiros.

Nesse processo, a figura do jornalista ocupa um papel crucial. Para Charaudeau (2015), o jornalista não apenas relata os fatos, mas estrutura o mundo a partir de um ponto de vista — e essa estruturação depende das relações entre quem produz, quem recebe e o produto final. “O homem não fala para descrever o mundo, mas para se posicionar em relação ao outro” (Charaudeau, 2015), evidenciando que a construção do discurso midiático é, antes de tudo, uma forma de posicionamento.

Além disso, Charaudeau (2009) pontua que o discurso midiático analisa os sujeitos a partir de categorias culturais pré-existentes — como gênero, emoção e autoridade — ativando estereótipos que impactam diretamente a forma como eles são percebidos. A dramatização do comportamento de Marina Silva durante a sessão da Comissão de Infraestrutura é um exemplo de como a linguagem opinativa pode ocultar os fatos, sobrevalorizar expressões de emoção e transformar resistência institucional em histeria, deslocando o foco do debate para o campo da desqualificação simbólica. Esse

movimento de psicologização, como aponta Charaudeau (2015), reduz decisões políticas complexas a motivações emocionais ou pessoais, facilitando julgamentos morais no lugar de análises institucionais. Além disso, o texto opinativo não se dirige a um público real, mas a um público idealizado — aquele que, supõe-se, entenderá e compartilhará os mesmos valores do enunciador.

Portanto, ao compreendermos a representação discursiva midiática como um processo simbólico — e não como uma simples reprodução do real — é possível identificar como a linguagem atua na produção de identidades e no reforço de determinados imaginários sociais. Em contextos de polarização e disputa política, essa representação discursiva pode operar como forma de violência simbólica — especialmente quando mobiliza valores de gênero, regionalismo ou ideologia. O discurso opinativo, nesse caso, não apenas reflete a visão de seu autor, mas constrói uma visão de mundo que tende a se naturalizar no imaginário público.

A construção de uma inimiga simbólica: sentidos e estratégias no artigo da Gazeta do Povo

Ao representar Marina Silva como antagonista do desenvolvimento regional e da vontade popular, o artigo de opinião publicado pela Gazeta do Povo — intitulado de forma irônica e acusatória — mobiliza uma série de deslocamentos discursivos que fragilizam sua imagem pública e enfraquecem sua autoridade simbólica. Com base em estratégias de encenação dramática, uso de estereótipos e enquadramentos morais — conforme propõe Patrick Charaudeau (2009, 2015) —, o texto constrói uma identidade discursiva para a ministra que se distancia de seu papel institucional e histórico, e a reconstrói como uma “inimiga número 1 da Amazônia”: uma figura tecnocrata, autoritária e indiferente às demandas populares.

O posicionamento da ministra Marina Silva e de sua tropa de choque, os jurássicos Ibama e IcmBio⁷, é sempre marcado por fortes tensões e divergências entre a gestora, o Congresso e a comunidade amazônica quando defende uma Amazônia em estado natural, como Deus a criou (Gazeta do Povo, 2025).

⁷Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Esse trecho demonstra uma linguagem valorativa e metafórica que ativa um campo semântico emocional. Expressões como “tropa de choque”, “jurássicos Ibama e ICMbio” produzem efeitos de dramatização ao representar Marina e os órgãos ambientais como obsoletos, caricatos e descolados da realidade. Essa operação retórica enquadra a ministra não em sua função institucional, mas como personagem em um enredo de obstrução, sabotagem ou isolamento.

Charaudeau (2015) afirma que o discurso midiático frequentemente substitui o saber de conhecimento pelo saber de crença — aquele ancorado em valores coletivos e na memória simbólica compartilhada. É a partir desse saber de crença que se constrói o efeito de verdade no discurso: aquilo que parece evidente ou incontestável não pela comprovação factual, mas pela adesão emocional e simbólica do público.

Na Comissão, a ministra foi cobrada pela demora na liberação de licenças ambientais, na aprovação da exploração de petróleo na Margem Equatorial brasileira e na conclusão da rodovia BR-319, obra que tem na ministra do Meio Ambiente seu maior pesadelo. Daí hoje ser amplamente reconhecida como inimiga número 1 da Amazônia (Gazeta do Povo, 2025).

Aqui, quando o artigo declara que Marina é “amplamente reconhecida como inimiga número 1 da Amazônia”, está, na verdade, mobilizando esse tipo de efeito. Não há fontes, números, ou evidências institucionais; há apenas a força de um enunciado que apela à partilha emocional de valores entre enunciador e destinatário.

[...]O Ibama aprovou o plano da Petrobras de proteção à fauna local. Essa aprovação é uma etapa importante no processo de licenciamento ambiental da operação, permitindo o avanço à próxima fase envolvendo vistorias e simulações de resgate de animais em caso de acidente. Mesmo assim, Marina Silva não valoriza esses passos. Tanto que, num passe de mágica, determinou a criação de quatro unidades de conservação na Margem Equatorial sob a alegação de que não impedirão a pesquisa e a exploração econômica da região. (Gazeta do Povo, 2025).

Outro recurso relevante é a psicologização das decisões políticas da ministra. O texto atribui intenções subjetivas a suas ações, como quando afirma que Marina “não valoriza os passos” da Petrobras. Tais formulações não descrevem fatos, mas projetam estados mentais e intenções pessoais, tornando as decisões da ministra passíveis de julgamento moral. Como observa Charaudeau (2015), essa estratégia desloca a análise

do campo do argumento racional para o campo da emoção, tornando o discurso midiático mais sedutor, mas menos comprometido com a complexidade dos fatos.

A omissão das ofensas direcionadas à ministra Marina Silva por parte de senadores durante a comissão também configura uma operação discursiva significativa. O artigo de opinião silencia os embates políticos e os episódios de desrespeito institucional que marcaram a sessão, omitindo falas marcadas por tom agressivo e comentários com conotação de gênero. Durante a audiência, o senador Marcos Rogério, presidente da comissão, afirmou: “Me respeite, ministra, se ponha no seu lugar.” Já o senador Plínio Valério, do PSDB, declarou: “Respeito a mulher, mas não respeito a ministra” — mesmo após, em outro momento, ter manifestado publicamente o desejo de “enforcar Marina Silva”. Segundo Charaudeau (2015), esse tipo de silenciamento está associado ao contrato de comunicação midiático, cuja finalidade de captação exige a vulgarização⁸ do real e a supressão de elementos que possam gerar ambiguidade interpretativa. Ao evitar complexidades e apagar os conflitos simbólicos em torno da figura da ministra, o discurso reforça uma narrativa unívoca e eficaz do ponto de vista argumentativo, ainda que parcial do ponto de vista informativo.

Ao mesmo tempo, o artigo se estrutura a partir de um binarismo valorativo: de um lado, os “interesses autóctones relacionados ao desenvolvimento regional” e, de outro, a ministra que “atua com extremo rigor” e não considera “as necessidades de infraestrutura”. O conflito é reduzido a uma oposição entre progresso e atraso, emocionalmente operada por representações que simplificam e polarizam. Tal polarização é intensificada por trechos como: “Ela é adversa a todo e qualquer programa voltado ao desenvolvimento regional, mesmo que tenha como premissas a preservação ambiental”. O uso da generalização (“todo e qualquer”) reforça o efeito de totalidade e justifica a hostilidade como necessária.

Essa imagem discursiva de Marina também é afetada por marcadores de gênero. Ainda que o artigo não faça menções explícitas ao fato de Marina ser mulher, a construção da sua imagem como intransigente, insensível, “alheia à realidade” e descontrolada, se articula a um campo de representações historicamente atribuídas a

⁸Simplificação do raciocínio e tornar acessível certa informação para seu público. Próximo do discurso didático (Charaudeau, P. Discurso das Mídias, 2015. p.131)

mulheres em posições de poder. Como aponta Charaudeau (2009), a identidade discursiva é sempre relacional e se constrói no cruzamento de olhares sociais: o olhar que desautoriza Marina é o mesmo que define os papéis legítimos que uma ministra (ou uma mulher) deve ocupar.

Assim, a análise do artigo revela um conjunto de estratégias discursivas que cumprem uma função precisa: deslegitimar a atuação de Marina Silva enquanto gestora pública por meio da produção de uma imagem negativa que parece natural, verdadeira, evidente. A linguagem atua, nesse caso, como operadora de sentido político, reforçando uma narrativa que apela a valores coletivos (como o desenvolvimento regional, a soberania e o povo da Amazônia) ao mesmo tempo que silencia a institucionalidade do conflito, desconsidera os ataques sofridos pela ministra e transforma sua presença no Senado em um espetáculo de rejeição.

Apontamentos finais

Compreender as representações como práticas discursivas implica reconhecer que a mídia, ao construir sentidos sobre sujeitos e acontecimentos, atua como um agente ativo na formação de imaginários sociais. A partir da análise do artigo de opinião publicado pela Gazeta do Povo, observamos como a linguagem midiática, em sua vertente opinativa, não apenas narra, mas dramatiza e enquadra simbolicamente as figuras públicas, como no caso da ministra Marina Silva. A representação discursiva da ministra como inimiga do desenvolvimento e da própria Amazônia revela não apenas um posicionamento editorial, mas uma estratégia discursiva orientada por efeitos de captação a partir da sedução.

A partir dos referenciais teóricos de Charaudeau (2009, 2015), torna-se evidente que a construção discursiva promovida pelo artigo em questão desloca a identidade social de Marina Silva para uma identidade discursiva estereotipada, emocionalmente disfuncional e politicamente desqualificada. Essa transformação ocorre por meio da ativação de efeitos de verdade, que conferem aparência de imparcialidade a juízos subjetivos, e da dramatização dos eventos, que converte a presença da ministra em um espetáculo de desequilíbrio e confronto.

Tais estratégias operam sob um contrato de comunicação que privilegia a visada emocional (Charaudeau, 2015) e a simplificação da complexidade política. O artigo

silencia aspectos fundamentais do episódio político — como o contexto do Projeto de Lei do Autolicenciamento e os ataques verbais e institucionais sofridos por Marina —, ao mesmo tempo que atribui a ela traços de isolamento, radicalismo e insensibilidade. Esses efeitos de apagamento e exagero, comuns ao discurso opinativo, contribuem para a construção de uma figura simbólica funcional: aquela que deve ocupar o lugar da antagonista.

Ao produzir essa representação discursiva, o discurso jornalístico atualiza valores coletivos historicamente associados ao progresso, à ordem e ao desenvolvimento, em oposição a figuras que, como Marina Silva, encarnam agendas políticas ambientalistas e identitárias. A polarização se torna evidente: de um lado, a “Amazônia que chora”, o povo que deseja infraestrutura; de outro, a ministra que “não valoriza”. A emoção aqui funciona como ferramenta de deslegitimação, conforme aponta Charaudeau: uma emoção selecionada para sustentar crenças, moldar julgamentos e fabricar sentidos.

Dessa forma, a representação discursiva de Marina Silva no artigo em questão se inscreve no campo das estratégias de exclusão simbólica que, ao se sustentarem em crenças partilhadas, naturalizam a deslegitimação de vozes dissonantes. Ao mesmo tempo, reafirmam o papel da mídia opinativa como produtora de consensos emocionais que ocultam conflitos estruturais e inibem a pluralidade de interpretações. Com isso, a possibilidade de se pensar a democracia como espaço de dissenso é enfraquecida, e o discurso jornalístico se reconfigura como um instrumento de normalização de visões de mundo hegemônicas.

Por fim, identificamos que este trabalho contém possibilidade de continuidade a partir de pesquisas que explorem os conceitos trabalhados por Charaudeau (2009, 2015), atualizando pesquisas e resultados para análises futuras.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Comissões do Senado aprovam flexibilização do licenciamento ambiental. Por Lucas Pordeus León. Publicado em: 20 de maio de 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-05/comissoes-do-senado-aprovam-flexibilizacao-do-licenciamento-ambiental>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. Marina Silva deixa audiência após ataque e ofensas de senador. Por Fabíola Sinimbú. Publicado em: 27 de maio de 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-05/marina-silva-deixa-audiencia-a-pos-ataque-e-ofensas-de-senador>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Gazeta do Povo comemora a marca de 100 mil assinantes digitais. Publicado em: 23 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.anj.org.br/a-transicao-bem-sucedida-da-gazeta-do-povo-do-impresso-para-o-digital/>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva: o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326.

GAZETA DO POVO. Quem chora por ti, Amazônia? Certamente não Marina Silva. Por Osiris M. Araújo da Silva. Publicado em: 30 maio 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/quem-chora-por-ti-amazonia-certamente-nao-marina-silva/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GAZETA DO POVO. As convicções editoriais da Gazeta do Povo em resumo. Publicado em: 1 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/conviccoes-editoriais-gazeta-povo-resumo/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MACHADO, Marcia Benetti. O jornalismo como gênero discursivo. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2007.